

## UM LIVRO DOCE

---

PLÁCIDO ADERALDO CASTELO

“Para nós, filhos de terras pequenas, a infância é a Igreja. A minha Igreja e o rio em que me banhei. Ouvi de uma feita do grande e terrível coestaduano Sílvio Romero, meu professor de Filosofia do Direito e que não era católico, apostólico, romano, esta frase: nas horas de decisão quem me guia é o sino da matriz do Lagarto”. (Alberto Adeodato, in *Correio do Ceará*, agosto, 1972).

Meus senhores e senhoras:

Escritor ou homem público faz memória a cada passo da sua vida, quando escreve ou quando age. E o faz de maneira direta ou indireta. Nesse último caso, cabe ao leitor saber extrair da reflexão, da criação, da informação ou do debate os dados pessoais, subjetivos ou objetivos, que traduzem a expansão da afetividade ou da inteligência. São marcas, traços, revelações que se diluem, no todo de uma obra de criação ou de um ensaio — até mesmo em relatórios, pareceres, investigações —, como componentes específicos da personalidade de quem escreve. É assim possível recompô-la. As inferências, em busca das avaliações, podem ser difíceis e até mesmo discutíveis, como tudo que se faz ou se escreve. mas são perfeitamente válidas. Porque essa maneira indireta de se revelar é também um impulso objetivando expandir-se e identificar-se com outro mundo, o dos leitores, nossos semelhantes.

No primeiro caso, quando se escreve memória como memória, numa revelação, ou melhor, numa comunicação a descoberto, temos também — mas conforme a visão dirigida do memorialista e de maneira sistemática — a revelação de uma

personalidade, de forma parcial ou no todo essencial, já conhecida pela obra e pela ação. Seria, talvez, uma maneira de sobrepor à imagem interna, proveniente de um consenso participante, a própria auto-imagem do memorialista...

Sem dúvida que isso ocorre sobretudo na hipótese em que o intelectual e, ao mesmo tempo, homem público, de ação ou participante, uma espécie de *engajado* nas aspirações da comunidade, do seu povo, do seu país. E seria necessariamente um impulso de mera vaidade? De certo que não. Pode ser também a necessidade de se rever conjuntamente com a opinião do leitor, e teremos então uma espécie de auto-testemunho esclarecedor.

Eis o caso de Raimundo Girão: homem marcado pela ação pública e pela dedicação à história do seu Estado natal, mas não só um historiador, também uma sensibilidade voltada para as criações do espírito. Nascido no sertão, é desdobramento de raízes alimentadas pelas tradições de sobrevivência na região e de participação no seu comando político. Até que se processa o seu deslocamento, com a própria família, para a capital. Aqui, ampliará aquele sentido de tradição, pelo estudo que o reforçaria. Ao mesmo tempo, se capacitaria para uma ação mais ampla de homem público, intelectual, magistrado, professor, administrador, escritor. E traduz, de fato, o denominador comum de nascença de muitos homens públicos e de intelectuais do seu Estado. A autenticidade e a honestidade desses homens, convicção e dedicação aos objetivos e ideais de vida, são frutos alimentados por raízes de origem. É certo que sofrem limitações, marcadas por incompreensões e lutas. Cultivam, assim, a fidelidade, não só moral e afetiva, mas também de permanência física para o esforço contínuo de ação e participação.

Raimundo Girão é também historiador renomado de seu Estado natal. E de historiador é a preferência do seu espírito, em que pese confessar predileção irresistível pelos estudos geográficos. Daí a razão também pela qual suas memórias, dadas ao leitor e particularmente ao povo de sua terra, se fazem essencialmente depoimento para a história do pe-

riodo em que a sua presença, na vida pública e no mundo intelectual cearense, é marcante. Realmente, as reminiscências políticas de Girão nascem com aquele *viva* ao Mensageiro da Esperança — o Coronel Marcos Franco Rabelo, aos dez anos de idade, intérprete popular do desafio, céu aberto, aos correligionários do Comendador Acioly, na sua Morada Nova.

Igualmente, dei *vivas* ao ídolo cearense. Ele, por sem dúvida, deve ter sofrido, como eu, a *queda* de Franco Rabelo, agravada com as notícias divulgadas de que caíra sob a influência do conhaque. Essa decepção eu a guardaria por muitos anos e, somente na adolescência, é que me esclareci de sua inverdade. O saudoso Presidente do Estado e, após, General do Exército, era abstêmio. Poder-se-ia dizer um homem puro. Sucede isso por que “toda calúnia, por mais absurda que seja, sempre tem a certeza de se tornar popular”. Rapidamente direi que a deposição do ínclito conterrâneo foi ditada por Pinheiro Machado, chefe político nacional. Era dele o lema: «para os amigos tudo; para os inimigos nada; para os indiferentes, lei neles.» Lema esse que Carlos Câmara sintetizou assim: “para os amigos, proteção; para os inimigos, cadeião.” Ou ainda, a frase de prestigioso político coestaduano: “não querem aderir, então bala neles.”

No mundo de paisagem ou de fatos de sua infância, constituir-se-ia primordial o “Banabuiú”, também o meu rio, o “rio da saudade que não venço.” Dele diz o memorialista que se acha entranhado em sua vida “qual um sangue sempre cálido, revivente incitativo dos mais ternos enlevos”. E acrescenta: “Banhei-me nele — quantos e quantos banhos ao frescor do seu contato líquido, e, setenta outubro decorridos, ainda sinto o amavio dos anos aurorais, que o passado não despojou e me entregou e eu escondo no mais íntimo do peito.” Também a Matriz de sua terra natal é assim evocada: “Relembro. menino, os dias de domingo, acompanhando meus pais à missa obrigatória... Rezava-se com fervor ao Divino no seu altar-mor e representando a forma de uma pomba, como do simbolismo católico”... “Bem vestidinho, com a vela

e o laço de fita, tudo branco, com outros meninos e meninas, vi-me defronte do Altar a ouvir a missa e pregação do padre, convencendo-nos de que o ato da confissão e comunhão liquidaria com as nossas faltas, ficariam as nossas almas limpas como a de Jesus.”

Deixará o sertão pela serra de Maranguape, residindo na bela cidade que com encanto rememora. Na adolescência, já se encontra em Fortaleza e principia a forrar o espírito de conhecimentos, alicerces de uma bela cultura humanística, histórica, econômica e jurídica. Firma-se aos poucos. É chamado à administração pública. Fez, por Fortaleza, maravilhoso esforço, como chefe do executivo municipal, dinâmico, honesto e empreendedor. O seu amor à *princesa vestida de baile* só tem como rival o campo, o homem do campo, para distingui-lo no confronto com o homem do mar. Esclarece: “Os nossos arroubos de admiração ao jangadeiro têm-nos levado à injustiça de esquecer o vaqueiro, a mais legítima configuração do homem sertanejo. E cabe-nos a nós todos o movimento reparador para que a nossa omissão não concretize uma injúria. Incumbe-nos repor o vaqueiro no seu pedestal de merecimentos superiores, que objetivam os cultos cívicos. Será dever nosso cultivar o apreço ao vaqueiro e sem demora erguer-lhe, na praça pública, o bronze do nosso mais alto reconhecimento. Porque ao vaqueiro é que devemos a nossa formação de povo através de três séculos de evolução histórica”. Secretário de Estado em administrações diversas, realçou os governos a que serviu e o maior testemunho posso apresentar, como Governador que fui, de seu esforço como titular da Pasta da Cultura, o primeiro, fazendo surgir e ressurgir entidades culturais: Arquivo Público, Biblioteca Pública, Museu Histórico, Museu de Arte Sacra de Aquiraz, Museu de Sobral e Museu do Vaqueiro, empreendimentos na verdade notáveis, que precisavam de um palinuro idealista e conhecedor de técnicas atualizadas, de seu gabarito.

Publicações preciosas tiveram novas edições, já sob a orientação do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), já sob a iniciativa direta da Secretaria de Cultura. E tantas outras coisas mais poderiam ser discutidas.

Basta, contudo, pensar na importância desse testemunho de uma experiência humana, quer seja de limitações subjetivas, quer seja de interesse social e histórico. Como tal, a *Memória* — o seu livro ora lançado sob o título de *Palestina, uma Agulha e as Saudades* — é um testemunho ou um depoimento, cuja importância extravasa os limites da geração do memorialista, para se revestir de interesse vário, de acordo com a índole, a personalidade e a ação do escritor em comunhão com o seu meio, o seu povo e a sua época.

Quem interpretou a história, agora a testemunha, embora parcialmente. E dá-se, ao mesmo tempo, à interpretação de terceiros, enquanto oferece elementos reveladores da sua personalidade e da sua formação, também importantes para compreender a geração a que se prende. É o caso em que, qualquer que seja a natureza da memória, esta se faz esforço de auto-análise e de análise geral de homens e fatos, não obstante suas impregnações subjetivas, sobretudo afetivas. Lamento não me ser dado falar do que há de poético, de sentimental, casando-se com a verdade histórica, neste trabalho de Girão, que não há de ser o último. Pertencem-lhe dezenas de obras de alta valia pela seriedade das investigações, cultura e equilíbrio nas exposições, quer as de cunho didático, quer as de caráter social, econômico, histórico ou geográfico. Saliento que as páginas de *Palestina, uma Agulha e as Saudades* também significam o amor à família, à sua constituição e à sua influência decisiva na formação espiritual e econômica de Raimundo Girão. O legado dele aos filhos é o exemplo de uma boa têmpera de lutador e um patrimônio moral magnífico. Aliás, já positivava Kennedy: “A medida do sucesso na vida de um homem não é a fortuna que ele acumulou; é o tipo de família que ele formou.”

Por tudo isso, agrada-me louvar a iniciativa do Náutico, na pessoa do vero cavalheiro que é o presidente Ary Araripe, pelo apoio que dá ao escritor Carlos D'Alge, promotor destes encontros, que projetam o Ceará intelectual.

---

(Proferido no dia 12 de outubro de 1972, no salão nobre do Náutico Atlético Cearense).